

# REVISTA DO ENSINO

(ÓRGÃO OFICIAL DA INSPETORIA GERAL DA INSTRUÇÃO)

## SUMARIO

DA REDAÇÃO:			Pag.
	Pag.		
Agir, viver . . . . .	1	de Freitas na Sociedade dos Amigos de Alberto Torres . .	9
<b>TRADUÇÕES:</b>		Uma particularidade da adição — Mario Casasanta . . . .	21
A educação das crianças retardadas — Continuação — por Helena Antipoff e M. Naytres de Rezende . . . . .	3	O ambiente das salas de aulas — Lucia Monteiro Casasanta . . . . .	28
<b>DAQUI E DALI:</b>		O ensino primario em Minas-Gerais — Comunicado . . . .	31
Em prol da educação rural — Conferencia do dr. Teixeira		<b>NOTICIARIO:</b>	
		Semana da educação em S. João Del-Rei . . . . .	36

# REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO OFICIAL DA INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PÚBLICA

AGIR, VIVER



Muitos existem. Poucos, entretanto, vivem. Encarcerar-se na inatividade e no silêncio, circunscrever-se na quietação e na imobilidade é morrer, é desperdiçar a vida, esbanjar a existencia.

Só a ação fortalece as almas — disse Mussolini. E Bossuet afirma que, sendo a vida uma ação, aquele que deixa de agir deixa também de viver.

\*

Se a escola não é a vida, se a escola não é ação e movimento e, portanto, saúde e otimismo, para que servirá ela ?

A tarefa a realizar é a maior e a mais relevante que incumbe ao Estado. Executores dos ideais gerais da humanidade, os professores fugirão a seu dever, se descuidarem da parte fundamental da escola, que é a educação.

Não nos deve impelir o ideal da formação de letrados. O ideal verdadeiro é que a escola pro-

duza homens capazes de agir e, portanto, de viver beneficemente na sociedade.

\*

Para isto, é claro e evidente que devemos animar a escola, transformando os nossos velhos métodos, estimulando os alunos para uma ação vibrante no desenvolvimento de todas as atividades escolares.

Para longe as nossas mazelas quotidianas, para longe as nossas susceptibilidades e outras coisas que, muitas vezes, fazem de um ótimo professor um pessimo mestre-escola.

\*

Desenvolver o espirito de iniciativa é acionar a criança, é dar-lhe oportunidade para trabalhar. E que haverá mais belo do que uma escola que trabalha?

Que as nossas escolas vibrem, que as nossas crianças trabalhem, que os nossos professores trabalhem, eis o nosso luminoso ideal. Para conseguilo façamos um proposito firme de renovação e de aperfeiçoamento para que nunca nos chamem de inertes e indecisos, quando todos trabalham e todos produzem.

## TRADUÇÕES

### A educação das crianças retardadas

ORTOPERIA MENTAL

(continuação)

POR HELENA ANTIPOFF E M. NAYTRES DE REZENDE

*A observação*

Os exercicios da observação são particularmente importantes na educação das crianças retardadas. Seguin, Monfessori, Bourneville, Decroly consideram-na uma larga parte no seu sistema medico-pedagogico, e o quarto capitulo sobre a educação dos sentidos e da atenção do livro de Melle. Deceudres é um dos mais proficuos.

Com efeito, habituar as crianças a observar é torná-la atenta ao mundo ambiente e fazê-la apreender as nuances, as diferenças e as semelhanças das cousas e dos fenómenos. A criança chegará a conhecer o mundo exterior não só por suas funções, mas tambem por suas multiplas qualidades.

Sem incidir nos erros dos sensualistas que atribuiam aos sentidos o papel dinamico na formação do pensamento, sem exagerar o alcance da educação sensorial tal como foi concebida por Seguin, seu iniciador, a pedagogia dos débeis mentais se servirá desta educação como de um meio certamente muito eficiente para o desenvolvimento intelectual geral.

As interessantes experiencias de Claparède acerca da intelligencia, pelo método de reflexão falada, provam quanto a formação das hipoteses na solução de um problema, na interpretação de uma cena depende da observação, dessa leitura sensível dos fatos e de suas qualidades. O material da percepção é o ponto de partida, a base material da elaboração da cadeia dos juizos e das construções logicas. Um fato mal observado desvia o pensamento num sentido

(\*) Ver a *Revista do Ensino* numeros 56 — 59 e 59 — 61

erroneo, e a interpretação do conjunto muito provavelmente será de todo falsa.

Montessori não hesita em escrever que, preparando a observação, preparamos também os caminhos que levam às descobertas espirituais, e, mais adiante: "a educação dos sentidos, formando os homens *observadores*, não desempenha apenas uma função genérica de adaptação à civilização atual; ela prepara ainda, diretamente, para a *vida pratica*" (*Pédagogie scientifique*, vol. I, pag. 102). E, mais longe, Montessori mostra toda a vantagem que a vida pratica nas diferentes profissões (médicos, cozinheiros, vendedores, compradores) pode tirar do funcionamento aperfeiçoado dos sentidos.

Nas crianças anormais, que pecam muito frequentemente pela incapacidade de *ver, de ouvir, de sentir*, embora possuam os órgãos dos sentidos em perfeito estado, o treinamento desses órgãos é de grandíssimo proveito para a evolução geral do espírito adormecido ou caótico.

A educação sensorial terá, pois, como fim dotar a inteligência dos instrumentos precisos, que são os sentidos bem exercitados.

*Nota.* — Os exercícios da observação que se seguem podem também figurar no grupo da atenção. E' que os dous processos são intimamente ligados entre si, e sem a atenção é impossível que nos representemos a observação. Já mencionamos quanto toda classificação é artificial e quanto a distribuição dos exercícios neste ou naquele grupo é difícil. A causa disto é a extrema complexidade dos fenómenos, e, o exercício, por mais simples que seja, nunca é bastante elementar para colocá-lo em uma das rubricas com exclusão das outras. Aliás, os exercícios de observação que vão seguir-se podem, sem duvida, figurar em um ou outro grupo. Tratamos de grupar aqui os exercícios que fazem especialmente apelo à percepção das qualidades sensoriais dos objéto e suas ligeiras variações.

#### EXERCICIOS DE OBSERVAÇÃO AUDITIVA

##### A) — *Discriminação da qualidade*

1) Estabelecer o mais completo silêncio entre as crianças e exigir-lhes que escutem atentamente tudo o que vai passar-se durante esse tempo. — Após um dois ou minutos de silêncio, perguntar às crianças o que elas ouviram. Re-

começar-se-á duas ou três vezes o mesmo exercício. (As crianças colhem desta experiencia uma quantidade de observações que o professor ajudará a formular: por exemplo, o bater de uma porta, o marulho da gada, o atrito do papel, o silvo estridente da locomotiva, o apito de uma "sirene", o rangido do bonde, etc., etc., aproveitando esse exercício de percepção para o desenvolvimento da lingua materna.

2 — As crianças ficam silenciosas. O professor mandará que fechem os olhos ou então que se voltem para a parede afim de não verem o que vão fazer e adivinham os ruídos que vão perceber unicamente pelos ouvidos.

O professor deixará cair de uma certa altura, em cima da mesa, varios objéto que as crianças determinarão conforme o rumor da queda. Assinalemos os objéto faceis de encontrar-se para esta experiencia: bola, caderno, livro, lapis, chave, caixa de papelão, lamina de gílête, canivete, grão de feijão, moéda, borracha, fósforo, alfinetes, rolas, etc. (Estes ultimos figuram na lista de objéto que o dr. Simon, de Paris, utilizou no seu test relativo á acuidade auditiva. Segundo este autor, uma criança normal percebe a queda desses objéto, caídos de seis centímetros de altura, a uma distancia de 4 a 6 metros).

3) — Nas mesmas condições que no exercício anterior, far-se-á que as crianças adivinhem o material dos objéto sobre os quais o professor dará pancadas com uma varinha. A mesa de *pau*, o tinteiro de *vidro*, o copo de cristal, papelão, pedra, caixa metálica, fazenda grossa, etc. (Rouma)

4) — Nas mesmas condições fazer que as crianças adivinhem o que o professor faz (marchar, saltar, bater palmas, assoviar, tossir, respirar, soprar, cantar, rasgar papel, mover a cadeira, amarrotar o papel, derramar agua no copo, pousar o copo numa salva, escovar uma fazenda, tamborilar os dedos numa mesa, escrever, fazer bater dois lapis um contra o outro, tocar um instrumento) reconhecer o som de uma corda de violino ou de violão, de uma trombêta, de uma flauta, de um apito, de uma campainha.

*Nota* — Todos esses exercícios podem ser feitos igualmente pelas crianças: cada uma por sua vez pôde adivinhar os sons e os ruídos para seus camaradas de olhos fechados ou voltados do lado oposto a ela.

5) — Uma criança fica com os olhos vendados ou então se acha no canto da sala, voltada para a parede. As crianças a interpelam uma por uma; ela deve reconhecer a criança pela voz (Descouidres).



B) — *Discriminação da intensidade*

1) As crianças voltam as costas para o professor ou conservam os olhos fechados. O professor bate varias vezes com as mãos (2-3), fazendo-o cada vez com uma intensidade diferente e pede aos alunos que adivinhem si foi na primeira, na segunda ou na terceira vez que as palmas soaram mais fortes, mais fracas, médias, etc.

Variar o exercicio produzindo o som por diferentes meios (falar, tocar o tímpano, bater o pé, etc.).

4) — Fazer marchar uma, duas, três, quatro e mais crianças; seus camaradas de olhos fechados devem reconhecer o numero das crianças que marcham.

Idem. Fazer cantar um certo numero de crianças diferentes e fazer reconhecer o numero pelas outras.

(Descocudres, pag. 97).

3) — Deixar cair pedaços de chumbo de diferentes pêsos, e fazer adivinhar qual o mais pesado.

C — *Discriminação do tempo.* — Pronunciar palavras variando a rapidez de pronuncia e perguntar qual das duas, das três ou mais, foi dita mais rapidamente.

Idem. Cantar duas, três árias, marchar, bater palmas, tocar sino, dando séries de diferente velocidade.

D — *Ritmo.* — fazer que as crianças imitem ritmos diferentes, batendo palmas, o sino, a regua num corpo duro, o pé no assoalho etc.

Dar duas séries de ritmos diferentes apenas por um elemento.

Nota: O mestre poderá usar séries rítmicas do alfabeto Morse e discriminar as letras segundo a sua sinalação "Morse".

A	—	N	—
B	— . . . .	O	— . . . .
C	— . . . .	P	— . . . .
D	— . . . .	Q	— . . . .
E	— . . . .	R	— . . . .
F	— . . . .	S	— . . . .
G	— . . . .	T	— . . . .
H	— . . . .	U	— . . . .
I	— . . . .	V	— . . . .
J	— . . . .	W	— . . . .
K	— . . . .	X	— . . . .
L	— . . . .	Y	— . . . .
M	— . . . .	Z	— . . . .

Os traços são cortes longos, e os pontos, breves.

Fazer reconhecer uma melodia, uma canção conhecida segundo o ritmo batido (Descocudres, pag. 98).

E. — *Orientação conforme o som e o ruído.*

1) As crianças, de olhos vendados, escutarão os passos do professor, que marchará e se detará em diferentes pontos da sala. Indicarão com a mão o sitio em que o professor parou (para variar, será, depois, uma criança quem marchará). O mesmo exercicio poderá ser feito com o auxilio de uma campainha que o professor fará soar, mudando de lugar.

Numa sala maior, as crianças, de olhos fechados, escutarão o som da campainha e se dirigirão para o ponto onde ela soar.

Nesses exercicios será bom dividir as crianças em dous grupos, umas agindo, outras observando e, evitando-se, assim, a aglomeração e a desordem.

2) Adivinhar a distancia que separa a criança do ponto de origem do ruído, avaliando o numero de passos. A criança, de olhos abertos, desta vez, verificará se a suposição foi justa. (Descocudres, pag 98).

## OBSERVAÇÃO VISUAL

Ao lado de muitos lottos que poderão ser utilizados ao mesmo tempo por um, dous ou por um grupo de crianças, eis aqui alguns exercicios em que todas as crianças da classe poderão tomar parte simultaneamente.

A. — *Discriminação das fôrmas*

1).— As crianças recebem uma folha de papel mimeografada com desenhos de diferentes fôrmas. O primeiro exercicio abrangerá apenas duas fôrmas, — o circulo e o quadrado, por exemplo; no exercicio seguinte poderá haver tres e mais formas (circulo, quadrado, elipse, hexagono, pentagono etc.)

O mestre pedirá ás crianças que marquem as figuras semelhantes com sinais semelhantes. (Para fazê-las compreender bem o exercicio, mostrar o exemplo no quadro negro)

2).— Nesse mesmo grupo poderão ter logar os exercicios já descritos (no grupo V, pag. 36-38, da "Revista do Ensino" nos. 59-61) da imitação visual, por exemplo, a de imitar atitudes humanas, desenhadas no quadro negro,

o mestre apresentará um quadro de atitudes, ou desenhará, êle proprio, em traços esquemáticos, no quadro negro; e recomendará às crianças que tomem as atitudes desenhadas no quadro.

3).— Um exercicio excelente para a discriminação da forma é o das superficies coloridas e recortadas no papel com goma, que as crianças escolhem em um maço distribuido pelo mestre.

Elas colorão essas superficies de uma côr ou de varias, colorindo os contornos de um desenho, feito préviamente (mimeografado), e imitando o desenho feito pelo mestre. Este exercicio é muito difundido nos jardins froebelianos alemães (Formen Klebespiel).

#### B. — Discriminação da grandeza.

Em folhas mimeografadas serão desenhados series de desenhos de diferentes tamanhos, representando figuras geométricas, objéto usuais, letras, algarismos, etc.

Os primeiros exercicios abrangerão apenas duas variedades de tamanhos; nos seguintes o seu numero aumentará.

As crianças diferenciarão as dimensões tingindo cada uma com uma côr determinada: por exemplo, vermelho, todas as grandes, preto, as médias, e azul, as menores.

#### C. — Discriminação da côr.

Este grupo de exercicios abrange uma variedade de lotos, nos quais a atenção das crianças será dirigida pela escolha das côres e tintas idênticas.

Em se tratando de exercicios coletivos, sugerimos os seguintes:

As crianças reproduzem com um lapis de côr um desenho representado em côr no quadro negro e cujo contorno se acha em folhas mimeografadas.

A coloração se fará ou por meio de um lapis ou de papeis de côr escolhidos em uma ruma de papeis.

#### A OBSERVAÇÃO ESTEREOGNOSTICA

E' o concurso de todos os nossos sentidos que nos dará um conhecimento cada vez mais exato e aprofundado dos objéto. Por isso, não limitemos a educação sensorial á da vista e do ouvido, mas, utilizemos igualmente a mão como instrumento do conhecimento.

Faremos, pois, que as crianças tacteiem objéto de diferentes fórmas, tamanhos, consistencia, e as faremos classificar pelas suas semelhanças ou diferenças estereognosticas. As crianças, de olhos vendados, adivinharão os objéto que lhes apresentará o mestre ou o vizinho da carteira.

Elas poderão igualmente assinalar, sem se servirem dos olhos, grãos de diferentes especies (feijões, ervilhas, fava, panos de diversas qualidades etc.).

(Continúa)

## DAQUI E DALI

### Em prol da educação rural

Damos a seguir a Conferencia do dr. Teixeira de Freitas na Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, sobre o tema que epigrafa estas linhas:

"Sr. Presidente. Amigos!

Não venho fazer uma conferencia. Não pretendo debater nenhuma tèse. O meu intuito neste momento é apenas trazer-vos algumas sugestões, dirigir-vos um convite, em pról da educação rural. Mas preciso dizer-vos, antes, ainda que em poucas e desataviadas palavras, o que tanto me move. Vossa venia, pois, para que, tomando-vos alguns minutos de atenção, desdobre ante os vossos olhos o quadro brasileiro de cuja meditação, ha longos doze anos, me advieram as idéas que a minha sugestão consubstancia, inspirando-se no saudavel idealismo e no dinamismo realizador de que têm dado provas os brasileiros que o culto á memoria de Alberto Torres aqui congregou.

Preliminarmente ás considerações que vou desenvolver, cumpre que focalizemos o terrivel circulo vicioso — não sei se já bem aprendido pelos nossos dirigentes — dentro do qual desanimadoramente se vêm desenvolvendo, no Brasil, as atividades do Poder Publico que têm por objéto prestar ás populações ruraes a triplice assistencia de que elas tanto carecem — para a defesa da vida e da saude, para melhor organização e razoavel rendimento do trabalho, e para a valorização mental e espirital do homem pela educação.

Notabilíssimo apostolado, do qual tem participado, entre os primeiros, o nosso eminente Presidente, vem assinando impressionantemente as misérrimas condições físicas da grande maioria da população brasileira, e conclamando as energias da raça para a campanha de redenção desses milhões de infelizes compatriotas, por uma obra intensiva de saneamento rural e educação sanitária. E os pioneiros dessa campanha têm razão, porque, restituída a higidez à nossa admirável gente sertaneja, de todos os milagres de trabalho e civilização ela será capaz . . .

Outra pleiade generosa de patriotas compunge-se ante os malefícios da ignorância que minoriza e incapacita a quasi totalidade da massa demográfica do Brasil, e clama a todos os pulmões, quasi desvairadamente, por um esforço sobrehumano que leve a instrução primária a todas as almas brasileiras. É sobre razão a esses generosos pregociros, porque o espírito, iluminado pela educação, procurará naturalmente a melhoria de todas as condições individuais e sociais . . .

Ainda outros paladinos da grandeza do Brasil proclamam a primazia da organização agrária, pela assistência intensiva do Poder Público, entre os problemas angustiastes de nacionalidade, porque estabelecerá no bem estar econômico da população a base estável e racional para a diferenciação orgânica da nossa civilização. E a estes também não faltará razão, pois que, de facto, desaparecida a penúria de recursos, que impede ao sertanejo qualquer ambição ou iniciativa, não tardará que, por tendência irresistível de espírito humano, como a falena voa para a luz, ele procure os benefícios da civilização e nela coopere com o vigor das energias que longamente estiveram contidas em letargo . . .

Mas, eis o giro fatal do círculo dantesco . . . Nem assistência sanitária, nem assistência económica, nem assistência educacional póde a Nação realizar com a extensão, a intensidade e a persistência necessarias, por lhe faltarem os recursos; e esses recursos lhe faltam porque noventa por cento das energias nacionais se destroem, se neutralizam ou permanecem dormitantes, exatamente em virtude das contingencias sociais que aquela triplíce assistência visa remover.

Que fazer então? — é a pergunta cheia de perplexidade que nos acóde ao espírito. Apelar para a paciência, para a ação do tempo, para o lento povoamento, para a continuidade persistente do esforço, ainda que reconhecida-

mente muito insuficiente, com que vimos procurando modificar este estado de coisas?

Nem o nosso patriotismo, nem os nossos sentimentos de solidariedade humana se conformariam com esse fatalismo. E tanto mais quanto sentimos que nem sequer esse lento caminhar teria um rendimento proporcionado, pois as más condições sanitarias se contrapõem ao rapido povoamento, a rarefação demográfica obsta à modificação daquelas condições, tanto quanto ao desenvolvimento do ensino e do fomento agrícola. São tres "deficits" simultaneos e conjugados, a formarem este circulo inexoravel: a falta de instrução veda ou inutiliza os esforços de assistência sanitaria e agrícola; a carencia de saude impede o rendimento da obra educativa e de regeneração agrária; e a penúria de recursos se opõe ás iniciativas requeridas para a melhoria educacional e sanitaria.

E' desolador, supremamente desolador! Mas é este exatamente o inextricavel aspecto da realidade nacional . . .

E eis porque, se algum fator novo não surgir, se não se romper a cadeia constritora que nos escraviza e um constante retorno no caminho percorrido, não vejo como se possam formar em nosso espirito ridentes perspectivas quanto ao desenvolvimento da civilização brasileira no decurso longo de ainda muitas décadas.

Entretanto, não sou um pessimista. Nem um cético. Muito longe disso, tenho uma fé sem limites nos destinos do meu país. Confio integralmente no valor da nossa gente. Não temo as dificuldades que se possam opôr aos esforços construtivos da Nação.

Mas vejo, não posso deixar de ver, os imperativos logicos. Percebo nitidamente as fatalidades historicas e mesologicas que devem condicionar a nossa atuação civilizadora. E procuro apenas colocar o problema brasileiro nos seus justos termos.

Optimismo não é ignorar os obstaculos, desprezar a voz do bom senso, nem negar a evidencia. Não é, tão pouco, caminhar ao acaso, embora com destemor e sem desfalecimentos. Optimismo é confiar nas forças do espirito e empregá-las audaciosamente no sentido da realidade.

Esse optimismo, porque eu o tenho, e muito vivo, é que ousei atrair vossa atenção para as dolorosas circunstancias que aponteí. E, ao invés de deixá-vos no espirito a desolação e o sentimento de inutilidade dos esforços que a Nação já emprega, pertinaz e confiantemente, para redimir-se de um fadario opressor, o que eu desejo é, pelo contrario,

que vejais comigo: que estamos de fato em um círculo vicioso: que é preciso romper essa serie de neutralizações da nossa atuação civilizadora; que deve haver um ponto fragil nessa cadeia aparentemente inexorável, por onde a possamos abrir; que, isto conseguido, realizaremos rapidamente os nossos ideais de progresso, desenvolvimento em conjunto e com eficiencia integral a obra sanitaria, educacional e economica por que ansiamos.

Ora, certamente já me destes o vosso assentimento a estas afirmativas. Mas paira-vos no espirito esta interrogação: em que sentido aplicar o esforço capaz de abater a ameaçadora muralha que vemos antepondo ao rapido progresso do Brasil? E provavelmente ainda esta outra: em que consistirá a terapeutica capaz de enfrentar vitoriosamente o quadro morbido que nos oprime, uma vez que a profunda diatese do organismo nacional já vimos que neutraliza quasi totalmente os agentes curativos normais?

A primeira resposta não é difficil. O primado do espirito impõe-se. E' pela atuação espiritual, não ha duvida, é pelo esforço educativo intensificado adrede, que se realizará a grande obra de renovação e libertação do Brasil, rompidos esses grilhões seculares que o peíam — doença, miseria e ignorancia. Porque, vencida a ignorancia, mas vencida de facto e adequadamente por uma atuação educativa tendente a valorizar o homem em função do seu meio, a vinculá-lo á Patria e solidarizá-lo com a humanidade, — que não a desambientá-lo e deformá-lo moralmente, condemnando-o a um destino ainda mais triste, — vencida, repito, a ignorancia por tal fórma, vencidas estarão tambem a miseria e a doença, que recuarão ante a ação conjugada do espirito de iniciativa e defesa, despertado nos individuos, e da atuação do Poder Publico, esta já agora tornada integralmente eficiente, graças á receptividade e cooperação das comunidades a beneficiar.

Mas, quanto á segunda interrogação, cumpre examiná-la bem. Recordemo-la: em que deverá consistir o novo impulso educativo que se faz mistér para mudar tão radicalmente a face das cousas?

Na situação actual não se poderá contar com virtudes novas da escola para os rapidos resultados de que carecemos. Perca esta ilusão quem a tiver. Se a deficiente escola actual não poudé ainda ser oferecida a todos os cidadãos e principalmente áqueles que mais lhe carecem o influxo, como contar com ela agora para a obra educativa profunda, e duas ou tres vezes mais extensa no tempo, capaz de des-

pertar definitivamente e potencializar todas as energias mentais e psiquicas das populações sertanejas?! Que ella chegue a favorecer a *todas essas populações*, deixando em cada espirito a bruxuleante lamparina que lhe é dado acender e alimentar em dois ou tres rapidos periodos letivos em que se fez sentir o seu influxo, já será muito e será quasi o maximo que ella poderá fazer, e assim mesmo á custa de ingentes sacrificios.

Donde então viria aquele poderoso e permanente influxo de educação que cultivar possa a sementezinha lançada pela escola primaria? que alimente, e alteie, e faça turgora a chama hesitante e palida deixada no cerebro e no coração de cada pequenino cidadão pela alfabetização e educação primarias? que enriqueça e ritmandamente, — a formação mental de cada individuo, valorizando-o integralmente no limite das suas inatas aptidões, como homem, como criador de riqueza, como cidadão?

Não serei eu, Amigos de Alberto Torres, quem vos dê a resposta. Invocarei aqui um dos grandes nomes tutelares do nosso Brasil para que o faça por mim. Surja luminoso em nossa imaginação o vulto magestático do vate immortal. E que a memoria nos recorde os heptassilabos vibrantes de "O Livro e a America", que com tanto agrado todos decoramos em nossos primeiros anos de escola, na intuição profunda do sentido divinatório com que aquelas condoreiras estrofes apontam os destinos do Novo Mundo.

E' pelo Livro, sim, senhores Amigos de Alberto Torres, previu-o o estro genial de Castro Alves, faz mais de meio seculo, que havemos de arrancar as nossas populações rurais do sombrio fadario que as oprime. Seja isto um dogma fundamental da nossa fé nos destinos do Brasil. E saibamos agir em consequencia todos quantos nos arremetamos como lidadores da reorganização brasileira, á sombra augusta do Patrono desta Casa.

"Como as aves do deserto, as almas buscam beber. . ." Dé-se o que ler ao brasileiro, e elle o lerá com avidez. Dé-se boa leitura e a obra da educação se completará facilmente. Quem dentre vós conhecer a nossa vida do interior poderá testemunhar o interesse com que são lidos, relidos, comentarios e guardados os poucos impressos que se espalham gratuitamente pelo interior do País, ou sejam esses pequenos almanaques de produtos farmaceuticos. Tenho encontrado deles, em muitos modestos lares, verdadeiras pequenas bibliotecas. E nesta avidez do povo brasileiro pela leitura e

sua consequente sugestionabilidade pela palavra impressa, está talvez o exito, em muitos pontos do Brasil, da propaganda protestante, que soube encontrar depressa o caminho da distribuição gratuita do livro.

"Livros . . . livros á mão cheia", como queria o Poeta. E a Nação estará, dentro em pouco, na plena posse do poder, da riqueza, do prestígio e da civilização que lhes devem caber.

São poucos ainda os que sabem ler? Não importa: o essencial é que estes não o desaprendam, tenham sempre o que ler e lhes valha a pena ler, em benefício próprio, e do seu meio domestico e social. Porque elles dentro em pouco se multiplicarão prodigiosamente, atraíndo ou suscitando a escola, facilitando a obra da escola ou mesmo supprindo a falta da escola.

Mas, a quem está reservada a divina missão de Seameador?

Não será difficil convencer-mo-nos de que não se poderá contar sómente com o Governo para qualquer tentativa de grande envergadura no sentido de colocar nas mãos de cada brasileiro alfabetizado a materia impressa necessaria para lhe completar a formação espirital que o lar, a escola e a igreja houverem esboçado; para lhe dar as noções praticas que o orientem com segurança no exercicio técnico e social da sua profissão, ou no ensaiar e auto-educar aptidões especializadas, que só a cultura revela; e para pô-lo, afinal, em contacto espirital com a grande vida da Patria e a vida ainda maior da Humanidade.

Verdade é que alguma cousa nesse sentido tem elle feito e está fazendo. Bastante apreciavel já tem sido a divulgação instrutiva realizada pelo Ministerio da Agricultura e notaveis seriam mesmo os seus resultados, se os opusculos editados fossem espontaneamente oferecidos, em vultosas tiragens, a todos quantos bem os pudessem aproveitar. Mas o país deixou de colher o largo beneficio que tal iniciativa lhe deveria proporcionar, porque a circulação desses opusculos é limitadissima, favorecendo ademais disso a sua distribuição, não aos brasileiros mais carentes dela e a quem essa assistencia educativa deveria ser levada automaticamente, mas áqueles já bastante cultos e liúos que tiveram noticia, pelos jornais, das aludidas publicações e solicitaram exemplares.

No decreto numero 21.240, de 4 de abril de 1932, está prevista a criação de um órgão administrativo entre cujas funções figurará a de promover a difusão educativa e cul-

tural pelo cinematografo e mais processos técnicos. E, enquanto não surge essa instituição, aí está a admiravel Revista Nacional de Educação, que devemos á clarividencia de Francisco Campos, á iniciativa de Lourenço Filho, e á capacidade de realização de Roquette Pinto. Tem ella por lema o suggestivo dístico:

"... em todos os lares do Brasil, o conforto moral da Ciencia e da Arte".

E vai cumprindo um lindo destino. Mas a sua edição é ainda de 12.500 exemplares apenas, devendo elevar-se no maximo, por agora, a 30.000 exemplares, se bem succedidos os pertinazes esforços que a boa vontade do ministro Washington Pires vem empregando nesse sentido.

Mas, apesar de tudo isso, que distancia ainda do que é preciso fazer! . . . E' tal e tanta que se pôde considerar a mentalidade sertaneja ainda virgem de qualquer influxo salutar, por obra e graça do livro e de jornal, em continuação á alfabetização escolar.

E como — já o vimos — a insufficiencia da obra da escola, juntando-se ás condições de miseria fisica e economica e a dessocialização — perca-se-me a expressão — em que vivem as populações brasileiras do "hinterland", não admite que, no seio das nossas massas rurais, a iniciativa individual procure a influencia do livro ou do periodico, torna-se mister, imprescindível, urgente, que se institua uma ampla assistencia nesse sentido.

A ação do Estado, para ultimamente realizar sózinha essa assistencia, precisaria intensificar-se e dinamizar-se de tal forma, que bem podemos considerá-la impossivel. Impossivel! pela falta de recursos orgamentarios para instituí-la, e impossivel ainda pela carencia de vibração emotiva, solicitude, entusiasmo e persistencia, de que nossa organização burocratica torna incapaz o aparelho administrativo.

Logo — não vejo outra conclusão possivel — á iniciativa particular, e a uma iniciativa tocada de puro idealismo, de fervoroso sentimento de solidariedade humana, de uma grande confiança na bondade do coração brasileiro, e de uma fé inabalavel nas forças do espirito e nos destinos da Patria — sómente a uma tal iniciativa poderá caber a ardua cruzada de redenção brasileira pela educação das populações rurais através do livro e do jornal.

Mas . . . ai de mim! Não falará, talvez, entre os que me ouvem, quem esteja a dizer de si para consigo: ingenuo idealismo! remover uma montanha pela impulso de alguns homens! . . .

E na verdade vos digo: deste milagre é capaz a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres. E só, neste momento, aos brasileiros de boa vontade e fé inquebrantável que congregou nesta Casa o fanal da lembrança de uma grande vida, dedicada à "organização" do Brasil, a esses brasileiros que tomaram a si a missão histórica de propagar os ideais torreanos de estruturação racional da nacionalidade, poderia ser confiada tão pesada tarefa.

Eia, pois, companheiros de ideal! Numerosos são os marcos que plantastes assinalando o caminho das vossas bandeiras na conquista da genuína civilização brasileira, daquela com que sonhou Alberto Torres. Pois concito-vos a insituirdes mais este — o da cultura popular sertaneja pelo Livro e pelo Jornal.

Mas, se nisto insistirdes — e assim o espero — vamos um pouco mais adiante, e lancemos desde já as bases da nova Bandeira. Porque não vale assentar o rumo ou contemplar o fanal: bem sabeis que é preciso também caminhar, agir, realizar, vencer...

Cumpra, pois, que discutais comigo as linhas gerais da nova organização entrevista.

Preliminarmente, porém, precisemos bem os fins visados.

Creio que assim eles se poderão resumir:

1.º) Impressão, em edições baratas mas suficientemente vultosas, de pequenas obras ou opusculos, de elaboração muito cuidada, divulgando os conhecimentos indispensáveis para orientar o proletariado agrícola em todas as modalidades possíveis das suas atividades profissionais e sociais.

2.º) Oferta inteiramente gratuita desses pequenos volumes, segundo as necessidades ou tendências de cada qual, a todos os camponeses de insuficientes recursos e desejosos ou carecedores de completar, melhorar ou substituir a especialização das suas atividades.

3.º) Edição, em tiragem desde o início não inferior a 100.000 exemplares, de um pequeno mensário de quatro páginas, formato mais ou menos como o do "Diário Oficial", redigido ao nível das inteligências mais modestas e incultas, tendo por objetivo completar a obra da escola primária por um trabalho orgânico, progressivo e ritmado, de educação popular, adaptada aos meios rurais, de modo a colocar os seus leitores em permanente contacto com a civilização e com a vida da Patria, e ministrar-lhes dosadamente os ensinamentos, conselhos e sugestões capazes de melhorá-los na

sua vida individual, doméstica, social e cívica, numa palavra, como elementos conscientes da grande comunhão humana, — para tudo isso adotado fundamentalmente, em cada numero, o seguinte programa:

a) um pequeno artigo educativo sobre assunto de relevante interesse social e humano;

b) breve noticiário dos fatos capitais, nacionais e mundiais, escolhidos e narrados sempre com propósito educativo;

c) indicações uteis para a vida prática, apresentadas em forma agradável e tendo em vista principalmente as necessidades dos meios rurais e o desenvolvimento da sua vida social;

d) uma pequena página literária, dedicada à educação do senso estético ou moral;

e) a permanente oferta das edições educativas "Alberto Torres", com as instruções para obtê-las gratuitamente, e o concitamento a que tais recursos de cultura sejam aproveitados por todos quantos desejem aperfeiçoar-se e melhorar o seu padrão de vida;

f) um consultório sobre questões práticas e de higiene.

4.º) finalmente, distribuição regular desse pequeno periodico entre os mais modestos lares sertanejos em que já exista ao menos uma pessoa alfabetizada.

Estas, meus caros consocios, as linhas gerais da campanha educativa que vos proponho iniciarmos quanto antes, valorizando física e psiquicamente as reservas humanas, de que dispõe a nacionalidade em suas variadas zonas rurais, mas que, infelizmente, jazem desconhecidas e inaproveitadas, como pedras preciosas em seus depósitos de origem.

Não é verdade que uma tal campanha se configura em vosso espirito como um dos mais belos e grandiosos empreendimentos de que seja capaz o altruismo, a solidariedade humana, o sentimento de patriotismo e a consciencia da realidade brasileira? Se não estais bem seguros disto, concentraí-vos um pouco e imaginai toda a repercução dessa obra no espaço e no tempo.

Logo de inicio, cem mil lares sertanejos, onde o alfabeto já penetrou mas está sendo esquecido, cem mil lares a pontilhar toda a extensão do territorio patrio, beneficiados simultaneamente por essa assistencia generosa. Em cada um deles, em começo, uma tal ou qual surpresa, talvez mesmo desconfiança. Possivelmente ainda uma certa indife-

rença. Mas logo a natural curiosidade do espírito humano, provocando aqui e ali uma leitura hesitante, um comentário canhestro. Depois, os assuntos de conversa alargados pelas notícias "deste grande mundo de meu Deus", que é para o caboclo uma abstração quasi sem sentido, os espiritos se voltarão mais alertamente para a leitura da "Folha dos Amigos de um tal de Torres. . ."

O exercicio da leitura trará a facilidade e o habito dela. Os leitores serão ouvidos com respeito, possuidores, que passaram a ser, de um variado cabedal de conhecimentos uteis. Os conselhos lidos e comentados se imporão logo que experimentados e bem sucedidos. A curiosidade vai em crescendo. O Jéca já tem o seu "correio" . . . Experimenta pedir um dos livros que a folha oferece . . . Recorre á Professora ou ao vigário para fazer o pedido. Recebe o opusculo.

Lê-o, e a chama espiritual, mais vivaz, encontra alento. Um mundo de perspectivas novas, sugestões, incitamentos, vagas aspirações de conforto, de racionalização do esforço, hesitantes anhelos de realizações estéticas e morais vão surdindo e tomando corpo nas rudes almas despertadas para a luz e para uma vida melhor e mais bela. As esperiencias e as lentativas se sucederão. Impondo-se já agora, cheia de simpatia, a confiança na "Folha", um dia o leitor tomará da pena e tentará uma consulta á redação para resolver qualquer dificuldade pratica ou esclarecer uma perplexidade. Recebida a resposta, em carta ou pelo proprio jornal, que grande conforto! . . . Alguem, uma longinqua influencia esclarecida, bemfazeja, se interessa pelo "pobre filho de Deus" . . . Ele já não está só. Tem para quem apelar, encontra quem responda aos seus humildes rogos. Se ao lado do "coletor" e do "policial" severo, um tanto antipaticos "et pour cause" — ele já via com benevolencia a "professora", o "padre", e o "seu coronel", — bons amigos, mas ali da sua convivencia diuturna, agora com alegria sente o Jéca que ha outros "patricios" que procuram ser-lhe uteis, eis que sente a sua personalidade com uma projecção bem mais larga, recebe pontualmente sua correspondencia, um jornal, livros . . . Mais lido mais sabido, mais educado, tornou-se um trabalhador mais eficiente, não é mais apenas um animal de trabalho que se explora e a quem se engana e despreza. Dão-lhe serviços agora que lhe prendem mais a atenção, e o obrigam a pensar. Já conversam com êle como pessoa que sabe "das coisas" . . . Não se deixa mais lograr. Tem iniciativas.

Faz valer melhor o seu esforço. Ganha mais. No seu lar humilde já vai havendo mais hygiene, mais ordem, mais bem estar. Sabe o valor da escola, e quer que a influencia dela se exerça completa sobre o filho. Se o medico lhe dá conselhos, recebe-os com acatamento. Já sabe o sentido da vida politica nacional e participará concientemente das pugnas partidarias locais. Discute mesmo os acontecimentos internacionais e até as grandes correntes de pensamento. Mais um pouco e será assinante de um jornal noticioso e politico e de uma revista agricola. E não tardará talvez que queira ter o seu fonografo ou mesmo o seu radio, ainda que comprados "ao turco" a prestações. . . uma palavra: em cada um daqueles cem mil lares está, afinal, em dois ou tres anos, o homem desanimalizado. Ele é agora um elemento social conciente e util. E' deveras um "produtor" e um "consumidor": de mercadorias e de idéas. Compreende a Patria e a Humanidade. Tem noção do que seja a vida civilizada. Incorporou-se de fato á comunhão nacional. E, mais alguns anos, alargada e intensificada a nossa obra, esses mil lares serão duzentos, quinhentos mil, um milhão, talvez — quem pôde medir a atuação de um idéal? — onde receberá sadio influxo educativo parte consideravel do proletariado rural brasileiro, o qual, como aquela pequena porção leveada de que nos fala o Evangelho, atuará sobre toda a massa demografica nacional, transmudando-lhe integralmente os padrões de vida no sentido de um grande impulso de civilização.

Será que me engane, senhores, ou estais, como supinho — como eu o estou — sob o imperio da mais grata emoção ao prefigurar esse formoso desdobramento da obra a que vos convido? Eu penso que os nossos corações conungam agora no mesmo idéal. É é tempo, pois, de pensarmos em realizá-lo.

Mas, como? Numa unica palavra exprimirá a direção dos nossos esforços: *cooperação*. A Sociedade não vai agir sózinha, nem com os seus exclusivos meios financeiros. Bastará que ela seja o centro ao mesmo tempo coletor dos recursos e coordenador de impulsos.

Um seu caloroso apêlo, propagado poderosamente pela ação pessoal de cada terreno, pela imprensa, pelo radio, obterá certamente dos brasileiros de fortuna e de coração os quinze ou vinte contos mensais indispensaveis para lançar a campanha com a extensão e a intensidade que ela deve ter logo de começo. Uma commissão se organizará para angariar esses recursos, que formarão o "Tesouro Torreano" de



Educação Rural". As quantias arrecadadas — renda de festivais, donativos avulsos ou em mensalidades, — serão depositadas em conta especial do Banco do Brasil, de cujo movimento a Sociedade publicará mensalmente detalhada demonstração. A Comissão de Publicidade resolverá sobre o emprego desses fundos, consistente exclusivamente:

a) na publicação mensal do jornal educativo "O Educador Rural", — ou talvez melhor, "O Semeador", — numa edição inicial nunca inferior a 100.000 exemplares;

b) na distribuição gratuita, em edições de 30.000 exemplares pelo menos, de pequenos livros de educação e vulgarização técnica, tantos quantos os recursos do "Tesouro" permitirem.

O Tesouro Torreano, porém, não precisará custear integralmente o preparo dessas edições e sua distribuição. Trata-se de realizar uma grande obra nacional a que não podem faltar generosas dedicações nem o apoio governamental".

Técnicos, especialistas, educadores, não hão de faltar, que se ofereçam para elaborar os pequenos compendios de vulgarização a editar. E uma comissão redatora lhes dará forma definitiva, rigorosamente adaptada aos fins em vista. Essa mesma comissão redigirá o "Educador Rural". Assim, nenhuma despesa em matéria de redação. E o Governo, por outro lado, mesmo sem qualquer despesa especial, só com o adequado aproveitamento das possibilidades normais do aparelho administrativo, poderá trazer um concurso equivalente a cento por cento dos recursos fornecidos pela liberdade particular. Bastará para isso que, pelo Serviço de Publicidade do Ministério da Educação, tome a si, dentro aliás dos competentes fins regulamentares, a expedição postal dos impressos a distribuir e autorize a impressão do periodico e dos opusculos, da Sociedade, com material por esta fornecido, nas oficinas graficas da Revista Nacional de Educação, onde este encargo não será penoso, desde que enriquecidas com a maquina rotativa que lhes vai ser incorporada.

Adotadas tais medidas, e segundo calculo bem facil, cada exemplar do "Educador Rural" sairia a 15 réis, e cada opusculo de vulgarização, em media, a \$500 o exemplar. Onde, por mês, para a impressão de um numero do jornal (100.000 exemplares) e um opusculo de vulgarização (30.000 exemplares) — programa este mínimo, cumpre ter em vista — a despesa de 1:500\$ mais 15:000\$000, ou seja o total de 16:500\$000, perfazendo a despesa anual de apenas . . . . . 198:000\$000.

Ora, se mesmo com este programa mínimo os fins essenciais da cruzada que projetamos já estarão bem conseguidos, e se não podemos temer que uma campanha dessa Sociedade, movida não já apenas com "uma pouca dalma", mas de "alma e coração", com a vibração empolgante que ela tem sabido pôr em cada uma das suas iniciativas, não entesoure aquela pequena quantia, penso que aceitaréis, como coisa provada, a exequibilidade do plano que tenho a honra de propor-vos.

Talvez ainda me susciteis uma objeção — a da dificuldade de arrolar os destinatarios do nosso periodico. Mas não vos falei eu dos milagres da *cooperação*? Ela nos revolverá o embaraço. Bastará que apelemos para o concurso do magisterio das dez mil escolas genuinamente rurais que deve ter o Brasil. Não custará a cada professor ou professora nos mandar uma lista de dez destinatarios do nosso periodico, escolhidos rigorosamente sob o criterio que fixarmos. Penso que não poderíamos desejar melhor nem mais equitativa distribuição.

E era tudo quanto tinha a dizer-vos. Que vos toquei o coração, não tenho duvida. Mas se vos convenci, não sei. Terei sido de um optimismo ingenuo? Não passarei de um visionario? Negai-o, amigos; negai-o firmemente. Sei o que disse e disse-o com aquela miraculosa força que Jesus nos afirmou capaz de remover montanhas: com fé, com muita fé, no Brasil . . . em vós . . . no coração brasileiro . . .

Em vossas mãos, pois, mais este empreendimento "em prol da educação rural".

(Do "Jornal do Comercio").

## Uma particularidade da adição

Mario CASASANTA.

Uma das notas características dos novos metodos de ensino da aritmetica consiste em ligar os fatos aritmeticos com a vida, como aliás acontece em todos os setores do ensino moderno.

Ligar a aritmetica á vida, colocar a vida dentro da aritmetica, buscar os aspetos quantitativos da vida, fazer com que os problemas surjam da vida, aproveitar as oportunida-



des que a vida oferece para o emprego da aritmetica — eis a palavra de ordem.

E', entre nós, uma palavra de ordem muito conhecida já, porque demais repetida.

Ha, porém, um aspeto mais interessante: a vida real não só nos ministra ensino para a discriminação e emprego dos fatos e principios aritmeticos, mas tambem chega a influir na propria estrutura dos processos em voga.

### OS PROCESSOS DA VIDA E DA ESCOLA

Nesse sentido, recommendam os técnicos que se pesquisem os processos da vida, para, imitando-os, sejam eles applicados na escola, do mesmo modo.

Partem do principio de que todos os conhecimentos hauridos na escola, que contrariam as praticas da vida, serão infalivelmente desaparecidos, e, por isso mesmo, são mais prejudiciais do que uteis.

### UM EXEMPLO

Como exemplo desse criterio tem sido apontada a adição.

Condena o professor David E. Smith, da Universidade de Columbia, o processo, que viu em voga em algumas escolas, de fazer a soma não de baixo para cima, mas de cima para baixo.

No seu parecer, dispostos os numeros em colunas, deve-se fazer a operação, a partir de baixo para cima, e conferir-se o resultado, voltando de cima para baixo.

E' certo que ha partidarios da segunda fórma, com o fundamento de que, tendo -se de escrever, em baixo, o resultado da soma, justo é que se some de cima para baixo.

Tal argumento não convence o nosso autor. Ao contrario, parece-lhe infantil (*is rather childish*), visto que na subtração aditiva se faz exatamente o contrario. E, no que toca ao processo que preconiza, acentua esta vantagem: assinalando-se, ao lado, nas longas somas, os algarismos, com um lapis, é facil somar de baixo para cima, porque a parte de cima fica desembaraçada, ao passo que, se se somar de cima para baixo, a parte de baixo fica obscurecida.

Para o autor, portanto, a regra é somar de baixo para cima, fazendo-se a operação inversamente, para verificar-lhe a exatidão.

### O QUE SE FAZ ENTRE NÓS

Concordamos com o principio, porque acreditamos que só os processos de fóra da escola é que podem melhorar os processos da escola. A atividade humana, livremente desenvolvida, fóra das paredes da escola, abre, cada dia, novos caminhos, e aventa cada dia, para os velhos problemas, soluções novas e inéditas.

Como quer que não concordassemos de todo em todo com a observação do professor Smith, no que respeita a adição, fomos procurar saber nos nossos meios comerciais a fórma usual das adições. Todos, unanimemente, nos informaram de que, entre nós, se pratica exatamente o contrario do que preconiza o professor Smith, perfazendo-se a soma a partir de cima e verificando-se-lhe a exatidão, em segunda operação, a partir da parcela de baixo.

Aliás, é essa tambem a lição dos nossos compendios, como se pode ver de Trajano (*Aritmetica Progressiva*).

### A SEM RAZÃO DA PRÁTICA NORTE-AMERICANA

Pensando-se bem, conclue-se facilmente que são bem frageis as razões em que se estriba a pratica norte-americana.

Com efeito: a nossa tem a vantagem, que se lhe não contesta, de se escrever em baixo o resultado da operação. Póde-se acrescentar que, tratando-se de numeros grandes e applicando-se o processo de cobrir a parte de baixo com um papel, ao passo que se forem somando as colunas, para evitar confusão, tal não se poderá fazer, se se fosse de baixo para cima, porque a parte de cima ficaria sempre em aberto.

Por outro lado, a afirmação de que os sinais que se fazem, nas somas longas, obscurecem a parte de baixo, não se póde explicar, com facilidade, em primeiro lugar, porque os sinais se vão fazendo, ao passo que se faz a operação e, nessas condições, não a prejudicam.

Tambem, e ha aqui flagrante contradição, se o prof. Smith acha recommendavel a pratica de encetar a soma a partir da parcela de baixo e de se lhe conferir a exatidão a partir de cima, parece que não ha razão de maior por que não se faça o contrario.

Fosse o processo, que ele condena, condenavel por mais difficil ou por inconveniente, e ele cairia no erro de

aconselhar um processo de verificação ou de prova, mais difícil ou inconveniente do que a própria operação.

### O QUE FAZER E O QUE APRENDEMOS

Haja ou não razões de ordem teórica, para assim se ensinar, o que parece liquido é que a pratica do comercio norte-americano é diferente da nossa e, diante dela, nada mais justo do que acrescentar que a escola copia os processos da vida real, porque é para ela que a escola deve preparar os seus alunos.

Nós, porém, em razão do mesmo principio, temos de cingir-nos aos processos de nossa vida real, porque é para ela que preparamos os nossos alunos, e, nesse caso, adotaremos uma pratica de somar inteiramente oposta á norte-americana.

Com isso, se é certo que acabamos de comentar um bom principio, não é menos certo que não ganhamos nada com relação á soma, mas pelo menos um resultado pratico desde já se nos anuncia com clareza: o comercio ensina-nos a verificar a exatidão das operações, fazendo-se de novo as operações, mas partindo-se de baixo para cima. Quer isso dizer que a prova real e a prova dos nove fóra deviam ser substituidas por esse meio, se é que de fato prepondera entre nós, consoante se nos afigura, no rapido inquerito, que fizemos.

### A IMPORTANCIA DO PROBLEMA

Para os que não vivem na escola e não estão familiarizados com os seus problemas, o caso de hoje é uma bizantina excentricidade o nesso modo de somar.

Entretanto, como se deduz claramente, o caso tem a sua importancia: primeiro, trata-se de uma particularidade da soma e a soma é uma das operações fundamentais e, como tal, tudo que se lhe refere, deve ser devidamente ponderado, e, além disso, trata-se do principio, essencial nos novos metodos da aritmetica, de que se devem buscar na vida real não só os motivos de ação, mas os proprios processos de ação.

### O NOSSO INQUERITO

Tivemos ocasião de percorrer varias casas comerciais e verificamos pessoalmente os processos em voga. Os guardalivros da Imprensa Oficial deram-nos as respostas, por escrito, e publicamo-las com prazer. Foram estas as nossas perguntas:

— Como se fazer, aritmeticamente, em nosso comercio, as operações de somar: de cima para baixo ou de baixo para cima?

Poderá dizer qual a melhor forma e porque?

Seguem as respostas:

"Exmo. sr. dr. Mario Casasanta.

Resposta á pergunta de V. Excia. sobre as operações de soma.

1.º — De cima para baixo.

2.º — De cima para baixo porque a anotação é immediata ao se terminar a coluna somada e a atenção não fica forçada a reter esse numero, como acontece quando a soma é feita de baixo para cima.

Dante Lucio."

"Exmo. sr. dr. Mario Casasanta.

Respondendo á pergunta de V. Excia. sobre operações de soma, tenho a dizer:

1.º — No comercio, geralmente, soma-se de cima para baixo.

2.º — A melhor fórmula é de cima para baixo, porque, ao terminar a soma da coluna, anota-se immediatamente o total, o que não se dá com a soma feita de baixo para cima, cujo total é preciso reter-se na memoria.

Noemi Pinto."

"Exmo. sr. dr. Mario Casasanta.

Respondendo á pergunta de V. Excia. sobre operações de soma.

1.º — Em nosso comercio as operações de soma são feitas ordinariamente de cima para baixo.

2.º — Apesar de não abalisada a minha opinião, visto que venho aprendendo comigo proprio o pouco que sei de contabilidade, encontro certa vantagem em somar de baixo para cima.

a) — Porque quem soma de baixo para cima, destaca com mais facilidade os algarismos, principalmente quando recebe a luz pela frente, embora deva recebê-la pela esquerda, quem escreve.

b) Porque são mais frequentes os enganos de soma quando esta é feita de cima para baixo.

c) — Porque, a meu modo de ver, somando-se de baixo para cima, o esforço de vista é menor do que somando-se de cima para baixo.

d) — Porque principalmente, nas somas de grandes somas, quem opera, somando de cima para baixo, vai curvando aos poucos o pescoço, colocando-se em posição que fadiga e que dificulta a respiração, porque comprime os pulmões, o que, quando não concorra para errar, prejudica a saúde, enquanto, quem soma de baixo para cima, abaixa de uma só vez a cabeça, e a medida que vai somando vai voltando à posição natural, não se fatigando assim tanto, como na primeira posição.

3.º — Assim, ainda que quem soma de cima para baixo passe rapidamente a vista sobre os algarismos olhando-os quasi que superficialmente, o que não acontece somando-se de baixo para cima, porque o lance de vista é mais lento.

*José Escolástico dos Reis.*

28 — 4 — 933."

"Belo-Horizonte, 28 de abril de 1933.

1.º — Qual a melhor forma de somar? E' de cima para baixo ou vice-versa?

A melhor forma de somar é a de cima para baixo, dependendo, entretanto, do modo que se adotou.

Pessoalmente, não adoto nem um nem outro metodo. Começo a soma na coluna de dezenas e quando chego ao ultimo algarismo, somando de cima para baixo, passo a coluna de centenas, somando de baixo para cima, e isso, sucessivamente, até ao final da soma. Acho mais pratico e mais rapido por não haver necessidade de se passar, numa soma regularmente grande, nossa vista sobre toda a soma, para recomencê-la de cima para baixo, novamente. Como disse, depende unicamente do modo que se adotou.

2.º — Qual é a forma de somar usada no commercio?

A forma, usual no commercio, de se somar é a de cima para baixo; é essa forma a adotada porque assim é que se aprende nos bancos escolares, ficando-se, pois, acostumado a essa pratica.

Porque a forma tal ou tal é a melhor?

Penso que a forma de cima para baixo é a melhor, porque, geralmente, para se evitar enganos possiveis em somas grandes, leva-se a casa seguinte a volta de dezenas, centenas, etc. Somando-se de baixo para cima, não se pôde colocar os numeros de *lembrança*, pois, logo abaixo vem o traço para o respectivo total. Logo, por oferecer maior segurança, opino que a forma se somar de cima para baixo seja a melhor.

*Geraldo Tertuliano.*

28 — 1 — 933."

"Belo-Horizonte, 28 de abril de 1933.

Exmo. sr. dr. Mario Casasanta.

Respondendo aos quesitos pedagogicos formulados por V. Excia., sobre o modo de somar, tenho o prazer de comunicar a V. Excia. que aprendi a somar, na Escola Primaria, de cima para baixo; no Externato do Ginasio Mineiro de Belo-Horizonte, hoje internato, da mesma maneira, e, na Escola de Engenharia, da Capital, no curso anexo, tambem do mesmo modo. Somo de baixo para cima, de acordo com as lições dos cursos supra referidos, em que devo incluir o Superior de Comercio da Academia de Comercio de Juiz de Fora, para verificar si a soma está ou não certa. Ha vantagem de somar de cima para baixo? Ha, sim, porque evita o trabalho de reter na memoria o total das colunas, para, em seguida, colocá-lo em baixo, sendo essa, no momento, a unica superioridade, que noto, sobre o processo de somar de baixo para cima.

Com alto respeito e especial amizade — *Benedicto Peixoto.*

Belo-Horizonte, 28 de abril de 1933."

## O ambiente das salas de aulas

*Lucia Monteiro Casasanta*

(Professora de Metodologia da Língua, na Escola de Aperfeiçoamento).

Alguem que frequente as nossas escolas pôde dizer alguma coisa sobre o ambiente das suas salas de aula.

Ha um aspéto novo que, em muitas, encanta, e em todas revela uma intenção sensível de melhora-lo.

E' preciso agora o conhecimento de alguns principios que orientem a sua organização.

Isso não é difficil.

Se se acompanha a vida da criança em casa verifica-se a maneira como prepara o ambiente para a sua actividade, que é constante. Também se pôde observar a variedade e, sobretudo, a propriedade do material de que se cerca.

E' ás vezes um canto de ferro, nada suggestivo aos nossos olhos, mas, ao dela, aqueles objectos insignificantes e velhos que a rodeiam, ás vezes animados agem e vivem como personagens vivos; outras vezes, as coisas insignificantes adquirem logo a importância das coisas reais.

O verdadeiro é que o material satisfaz o seu plano e frequentemente sugere muitos outros.

O característico da infancia é a actividade, física e mental, durante todas as horas do dia. Isso quando em casa, entregue á sua espontaneidade.

Mas 4 boas horas está a nossa criança entregue á escola. E que especie de ambiente a espera?

Ela usa de iniciativa, de imaginação, intelligencia e esforço para organizar e adaptar o material de acordo com os seus planos: a escola dará oportunidade para isso?

O ambiente predispõe á actividade, e esta, por sua vez, vai, aos poucos, organizando o ambiente mais proprio para o seu desenvolvimento.

Se visitarmos os diversos departamentos de uma casa, pelo que vemos e pela maneira como está disposta, compreendemos o genero de actividade, os gostos, interesses e até idade dos seus occupantes. E é com encantamento que, ás vezes, os nossos olhos dão com um canto onde tudo indica haver ali crianças. O ambiente dela é inconfundivel.

Na escola a mesma coisa devia acontecer. Os diversos departamentos, o material exposto, o trabalho iniciado e o já pronto, tudo devia indicar tratar-se de escola para determinada idade, genero de estudo e de trabalho.

No entanto, as nossas salas de aulas não são assim. Se passassemos por uma escola apenas com o conhecimento da natureza infantil, poderíamos afirmar tratar-se de uma sala de aulas para crianças?

Esse enfileiramento de carteiras não pôde significar muito para ela, que falta espontaneamente, uma verdade de coisas e de relações. E essa disposição arida e rígida não as predispõe e não satisfaz a sua tagarelice, que não só é propria da idade, como necessaria. Cooley, sociologo americano, discrimina duas partes na idéa: a idéa propriamente e o impulso de comunicação. Justifica a criação de interlocutores imaginarios, diarios, etc., escritos para não prejudicar a idéa, pelas pessoas de temperamento reservado, pois o impulso de comunicação não se satisfaz e a idéa fica sacrificada.

E o que vemos ainda, são as paredes nuas, as mesas e bancos limpos, o chão varrido. E a actividade da criança, essa necessidade de pegar, manusear, cheirar, provar, construir, quebrar e verificar, como se satisfaz?

E' que a escola tem seguido as tradições, sem a preocupação dos fins a que deve atingir.

Teve o fim de ensinar as materias — essencialmente lér e escrever, A educação resumia-se em adquirir conhecimentos e ensinar era apenas transmitir esses conhecimentos.

E a sociedade se satisfazia com essa contribuição da escola.

O progresso foi lento. Acrescentaram-se aos poucos novas materias no programa. Mas a compreensão da natureza, das suas leis de desenvolvimento, continuou desconhecida.

Um historiador observa que se pudéssemos fazer abstracção de toda a história da civilização e se nos fosse dado observar apenas o ambiente das escolas, teríamos dela uma visão mais ou menos acertada.

Contudo, a história não deixa de accentuar a sua função de agencia social através dos tempos.

A escola de Napoleão, por exemplo, é um reflexo disso.

O fim do seu sistema educacional é ter um meio para dirigir a opinião politica e moral.

Com esse fim, preparou o corpo de professores da sua escola:

"Não haverá estado político fixo se não houver um corpo de ensino com princípios fixos. Enquanto uma pessoa não souber, desde a sua infância, se vai ser um republicano ou um monarquista, um católico ou um ateu, o Estado não formará uma nação". (*Corresp. de Napoleão I*).

O trabalho educativo revelou acentuadamente os seus princípios militares. A disciplina era inteiramente militar, donde resultou o termo que se refere às escolas de disciplina rígida — escolas napoleônicas. Qualquer compendio de historia dedica muitas paginas á rigidez de suas escolas.

Pestalozzi, influenciado pelas doutrinas de Rousseau, rejeitou as idéas que caracterizavam o ensino até quasi o fim do seculo 18 e baseou seu processo educativo no desenvolvimento natural de instintos e capacidades da criança, introduzindo estudos reais, baseados na observação, experiencia e raciocínio.

Acreditou no desenvolvimento organico do homem, de acôrdo com certas leis.

Experimentava constantemente com o seu corpo de professores para definir as leis de desenvolvimento das faculdades das crianças.

Concebeu a educação como desenvolvimento integral da criança, isto é, o desenvolvimento fisico, intelectual, moral e social, através do treino da cabeça, das mãos e do coração.

A teoria, a que chamamos moderna "*learn by doing*", era um dos conceitos basicos, a atividade espontanea, o principio da liberdade para expansão da natureza infantil, o contato com coisas, enfim, a vida infantil na escola em toda a sua atividade, variedade, espontaneidade, foi preconizada por Pestalozzi. Um dos principios *leaders* era a confiança na escola como agencia social, o instrumento de que podia usar todo ser humano para elevar o seu nivel intelectual, moral e social, para viver uma vida mais rica e mais feliz.

Pôs de parte a bagagem de tradição que trazia no espirito, como todos nós, e principalmente os do seu tempo, e sem manter no espirito nenhuma lembrança, imaginou-a de acôrdo com as suas idéas.

A historia da educação não conta com detalhes o material todo ali encontrado, mas deixou tudo em claro na critica de um pai que visitava a escola: — Ora, isto nunca foi escola, mas uma familia!

Pestalozzi encontrou no riso de desprezo da critica destrutiva o maior elogio á sua escola e a si.

E concordou.

O ambiente não é sinão consecuencia dos novos metodos de ensino. Se amanhã mudar a minha missão de professora para a de costureira, as minhas estantes, livros, mesa de trabalho seriam substituidos imediatamente pelo material exigido pela natureza do meu trabalho. Assim a escola de Pestalozzi, dirigida por novos principios, e orientada por novos fins, tinha naturalmente que mostrar o ambiente da sua escola diferente das que mantinham fins e principios, portanto, metodos e processos diferentes dos seus.

A vida, a atividade, a alegria e a espontaneidade haviam entrado definitivamente na sua escola. O ambiente não era escolar, mas o *familiar*.

(Do Estado de Minas).

## O ensino primario em Minas-Gerais

(Comunicado da Diretoria Geral de Informações, Estatística e Divulgação, do Ministerio da Educação e Saude Pública)

No Estado de Minas-Gerais prevalece como estatuto basico, na organização do ensino primario, o regulamento aprovado pelo decreto n. 7.970-A, de 15 de outubro de 1927, em parte modificado por atos ulteriores, entre os quais merece especial menção o decreto n. 10.362, de 31 de maio do ano passado.

Em virtude do regulamento de 1927, o sistema educacional mineiro, no seu aspecto mais popular, foi remodelado em ordem a satisfazer as aspirações de quantos desejam vêr implantadas no Brasil as conquistas da moderna pedagogia, e passou a constituir um excelente padrão para outras unidades da federação, que não tardaram em trilhar, imitando o exemplo do grande Estado central, a larga estrada de oportunas transformações, ora por meio de reformas amplas, ora mediante aperfeiçoamentos introduzidos aos poucos na organização do ensino em sucessivas leis parciais, complementares aos estatutos basicos vigentes.

Antecedendo de cerca de um ano á reforma da instrução publica do Distrito Federal, e seguindo-se á reforma baiana, de 1925, a reforma mineira de 1927 reflete, na sua

adiantada concepção, o auspicioso movimento de renascença que assinalou a última década republicana, irradiando-se por todo o território nacional, graças à influência dos técnicos chamados a intervir com suas luzes para que os destinos da instrução publica no Brasil se orientassem segundo os seus verdadeiros rumos.

De acordo com o regulamento do decreto n. 7.970-A, o ensino primario em Minas "tem por fim, não sómente a *instrução*, mas antes e, sobretudo, a *educação*, compreendendo-se como tal toda obra destinada a auxiliar o desenvolvimento físico, mental e moral das crianças, para o que deverá ser considerada a infancia não do ponto de vista do adulto, mas do ponto de vista dos motivos e interesses proprios dela".

"A escola primaria tem seu fim em si mesma, não visando preparar as crianças para os graus superiores do ensino, mas ministrarlhes conhecimentos que possam ser utilizados nas suas experiencias infantis, tendo por principio que só as noções susceptíveis de ser utilizadas nas operações ordinarias da vida se incorporam efetivamente, como habitos mentais, aos seus conhecimentos.

A uniformidade do ensino primario não significa o nivelamento das individualidades, devendo o professor procurar conciliar as exigencias da instrução coletiva com os interesses e as particularidades proprias de cada criança. A escola não se destina apenas a administrar noções, mas é tambem uma forma de vida em comum, cabendo-lhe preparar a criança para viver na sociedade a que pertence e a compreender a sua participação na mesma, para o que é indispensavel introduzirem-se no educandario os usos e processos da vida em comum, transformando-o de *classe sem sociabilidade* em uma sociedade em miniatura".

A direção superior do ensino compete no grande Estado central ao Chefe do Executivo Estadual e ao Secretario da Educação e Saude Publica. Os órgãos auxiliares do Governo na direção e administração do ensino primario são a Inspeçtoria Geral da Instrução Publica, o Conselho Superior da Instrução e as Federações Escolares. Como elemento de ligação entre a Secretaria da Educação e a Inspeçtoria acima referida instituiu o decreto n. 10.362, para ser instalado oportunamente, um corpo técnico de assistencia do ensino.

Ao Inspeçtor Geral da Instrução Publica compete dirigir o ensino primario em todo o Estado e orientar a assistencia técnica, a inspeção municipal, a de educação fisica,

a medica e a odontologica, além das demais atribuições inerentes ao cargo.

O Conselho Superior da Instrução constitue-se de uma secção técnica e outra administrativa, a primeira composta de 9 membros, e a segunda, de 12, de ambas fazendo parte o Secretario da Educação e Saude Publica e o Inspeçtor Geral da Instrução Publica. A competencia do Conselho versa sobre interpretação de leis, processo e julgamento dos funcionarios do ensino, revisão de programas, exame de obras didáticas, cabendo-lhe tambem estudar e sugerir medidas de carater técnico que importem no aperfeiçoamento e maior eficiencia da organização educacional.

A inspeção do ensino propriamente dito compreende uma parte técnica e outra administrativa. Esta será exercida permanentemente pelos inspeçtores escolares municipais e distritais e, extraordinariamente, pelos assistentes técnicos e pelos presidentes das Federações Escolares, isto é, pelos diretores de grupos escolares, que, com atribuições e competencia de assistentes técnicos, têm a seu cargo inspeccionar duas vezes por ano as escolas situadas nos agrupamentos de municipios que constituem as referidas Federações.

A inspeção e assistencia técnicas são exercidas pelos presidentes das Federações Escolares e pelos assistentes técnicos ordinarios, cada qual na sua circunscrição, e extraordinarios, quando o governo julgar conveniente.

Ha no Estado uma inspeçtoria medico-escolar, uma dentario-escolar e uma de educação fisica. As primeiras, além dos respectivos inspeçtores, dispõem de um corpo de profissionais idoneos, medicos, dentistas e enfermeiros. O plano dos serviços de inspeção medica e dentaria acha-se estabelecido com todas as minudencias no regulamento baixado com o decreto n. 7.970-A, regendo-se o primeiro não só pelo referido regulamento, como pelas disposições especiais aprovadas pelo decreto n. 10.151, de 5 de dezembro de 1931.

O ensino primario se desdobra, no Estado de Minas Gerais, em uma parte fundamental e outra complementar, esta de carater técnico e profissional. O ensino fundamental é obrigatorio para as crianças de 7 a 14 anos, e até 16, para os menores que, aos 14, não estiverem habilitados nas materias do curso primario. Não prevalece, porém, a obrigatoriedade se não houver escola publica ou subvencionada num circulo de raio de dois quilometros em relação às crianças do sexo feminino, e de tres, para as do masculino, admitindo-se tambem as isenções relativas á incapacidade fisica e men-

tal, indigência e ensino no próprio lar ou em escola particular. Compreende os graus infantil e primário propriamente dito. O primeiro abrange um período de 3 anos e destina-se às crianças de 4 a 6 anos de idade, devendo, pelo regulamento, ser ministrado nos Jardins de Infância e nas Escolas Maternais. Nas escolas infantis a matrícula mínima em cada classe será de 25 alunos, e a frequência, de 10.

O ensino primário propriamente dito é dado em escolas de diversos tipos, que funcionam sob o regime misto: escolas rurais, onde o curso é de 3 anos; escolas distritais, suburbanas (Belo-Horizonte) e urbanas singulares, com curso da mesma duração; escolas reunidas e grupos escolares, cursos de 4 anos. Cogita ainda o regulamento do ensino primário de escolas para debéis organicos e de escolas ou classes especiais para retardados pedagogicos.

A criação de escolas depende da possibilidade de funcionar cada uma com a matrícula mínima de 50 alunos. O mínimo de alunos para cada classe será de 30 a 35 nas escolas rurais e noturnas; de 35 a 40 nas distritais, de 40 a 45 nas urbanas. A frequência não deverá ser inferior a 20 alunos nas escolas rurais e noturnas, a 25 nas distritais e a 30 nas urbanas. Havendo em uma localidade pelo menos tres escolas e prédio que as comporte, serão reunidas sob uma direção comum.

Nas localidades onde houver, no mínimo, 300 crianças de 7 a 14 anos, serão instalados grupos escolares, cujas classes nos tres primeiros anos terão respectivamente a matrícula de 40 a 45 alunos, e a frequência mínima de 30, salvo quanto aos grupos de que trata o paragrafo 2.º, do artigo 46, do regulamento baixado com o decreto n. 10.362, de 1932, onde as "professoras técnicas" que servem em tais estabelecimentos têm a atribuição de limitar o maximo da matrícula nas diferentes classes do grupo.

Os grupos escolares poderão ser de 1.ª, 2.ª e 3.ª categorias, conforme tenham 15 ou mais, 8 a 14 ou menos de 8 classes.

As classes poderão ser desdobradas, e cada estabelecimento poderá funcionar em turnos, o que depende da afilência de alunos e da capacidade das salas.

O capítulo V, da parte IX, do regulamento de 1927, determina o tempo de funcionamento das aulas, que se regularão: nos grupos escolares e nas escolas reunidas, de 11 às 15 1/2 horas, com uma interrupção de meia hora para recreio ao ar livre, em plena liberdade; nas escolas noturnas, de 18-1/2 às 21 horas; nas escolas singulares, das 11 às 15 1/2

Quando o ensino fôr desdobrado em turnos, as aulas funcionarão das 7 às 11 horas e das 12 às 16. Os trabalhos escolares para os alunos do 1.º ano nunca devem exceder de tres horas, empregado o resto do tempo em jogos e exercicios educativos e recreio. Nenhum estabelecimento de ensino primario, destinado a receber crianças em idade escolar, poderá funcionar à noite.

O ano letivo principia em 1.º de fevereiro e termina em 25 de novembro. A matrícula abre-se a 15 e encerra-se a 31 de janeiro.

A legislação do ensino primario é bastante minuciosa nos dispositivos que colimam o desenvolvimento das instituições e atividades auxiliares do ensino: Caixa Escolar, Liga da Bondade, Museu Escolar, Associações de Mães de Família, Biblioteca, Excursões e Passeios, Clube de Leitura, Auditorium, Pelotão de Saude, Escoteirismo, etc., etc.

Provê ao funcionamento de Conselhos Escolares, formados por pessoas gradas e altas autoridades locais e destinados a estimular o desenvolvimento do ensino primario em cada município. O capítulo IV, da parte VI, do estatuto de 1927, regula a instituição e applicação do Fundo Escolar, já previsto na lei basica do Estado.

Não menos explicita foi a reforma de 1927, no que diz respeito aos predios escolares, ás instalações respectivas e ao material didático, assuntos tratados em cuidadosas explanações que exorbitam dos limites deste resumo.

E' livre aos particulares o exercicio do magisterio primario no Estado de Minas, desde que tal ensino seja ministrado em vernaculo, e sob a reserva das disposições prescrites pelas leis e regulamentos no interesse da ordem publica, dos bons costumes e da hygiene.

Nenhum estabelecimento de ensino particular poderá todavia funcionar sem que tenha sido cumprida a exigencia do registro prévio gratuito na Secretaria da Educação. Os estabelecimentos particulares de ensino primario são obrigados a observar os feriados estaduais e nacionais, a incluir nos programas, com o mesmo numero de aulas das escolas publicas e por professores brasileiros natos, o ensino de portuguez, geografia e historia do Brasil, e a se submeterem à inspecção das autoridades escolares.

No relatório apresentado pelo Secretario da Comissão de Estudos Financeiros e Economicos dos Estados e Municípios, e constante da publicação "Finanças dos Estados do Brasil", figuram os seguintes dados:



1931 — Despesa estadual fixada para o exercício, . . . 200.395:000\$000, dos quais 29.732:000\$000 destinados à instrução publica.

1932 — Despesa estadual fixada para o exercício, . . . 209.833:000\$000, dos quais 32.274:000\$000 com a instrução publica em geral, compreendendo 24.264:000\$000 consagrados ao custeio do ensino primário.

Na previsão da despesa estadual para o exercício de 1931, 14,8% correspondem aos serviços de instrução publica, contingente que se elevou a mais de 15% no orçamento para 1932. O ensino primário representa, neste ultimo orçamento, mais de 11% da despesa estadual e mais de 75% da despesa com o ensino em geral.

A estatística do ensino primário do Estado, em dados globais, foi a seguinte para o ano de 1931:

Escolas — 3.349 (2.105 estaduais, 486 municipais e 758 particulares), sendo do sexo masculino 173, do sexo feminino 72 e mistas 3.104.

Professores — 7.804 (5.789 estaduais, 613 municipais e 1.402 particulares), pertencendo ao sexo masculino - .083 e ao sexo feminino 6.721.

Alunos matriculados — 318.292 (254.731 estaduais, 30.486 municipais e 33.075 particulares), sendo do sexo masculino 175.641 e do sexo feminino 142.651.

Alunos frequentes — 239.511 (189.224 estaduais, . . . 22.492 municipais e 27.795 particulares), dos quais pertencentes ao sexo masculino, 128.809, e ao sexo feminino, . . . 110.702.

Conclusões de curso — 20.614 (estaduais, 16.311; municipais, 1.908; particulares, 2.395), concorrendo para esse total 10.348 alunos do sexo masculino e 10.266 do sexo feminino.

## NOTICIARIO

### Semana de educação em S. João Del-Rei

Realizou-se, em S. João de- Rei, nos primeiros dias de abril, uma "Semana da Educação", promovida pelo professorado daquela cidade.

O prof. Guerindo Casasanta, inspetor geral da Instrução, compareceu na solenidade de abertura dos trabalhos, tendo proferido o seguinte discurso:

"Quero significar-vos, nesta hora inesquecível, meu caloroso entusiasmo pela nobre cidade de S. João del Rei, cujas virtudes aprendi a admirar desde a infancia e cujas glorias aprendi a celebrar desde os bancos escolares.

A maravilha de sua arte, viva e empolgante em suas igrejas seculares, fala eloquentemente do passado; a maravilha do seu progresso, disseminada em instituições e realizações esplendidas, bem promete no futuro. E nesses dois periodos, separados por anos e anos, permanecem bem nitidas a harmonia e a identidade dos ideais dos sanjoanenses, cujo lema, no passado ou no presente, parece ser "para diante e para a frente", num mesmo ardoroso e incoitido movimento de caminhar e progredir.

Afirmação incontestavel desse anseio é, sem duvida, a "Semana da Educação", que a minha hãe estrela me trouxe a inaugurar. Ela é, antes e acima de tudo, uma tentativa para estimular os meios escolares desta cidade e um exemplo salutar de entusiasmo e de vibração pelo problema dos problemas brasileiros que é a educação popular.

As iniciativas desta natureza constituem, para os dirigentes do ensino, a sua melhor compensação: é destas aquisições espirituais que vivem os idealistas desta campanha vital que é a reforma da ensino.

Por isso bem podeis avaliar a satisfação do sr. Secretario da Educação e Saúde Publica, que vê no vosso esforço, em vossa energia, em vosso trabalho um raio de luz no meio de seus arduos e duros labores.

#### O NOSSO IDEAL

Falando, como "professor, para professores e num meio de pro-

fessores", não me posso furtar de dizer-vos duas palavras sobre as gravissimas responsabilidades conferidas pela alta missão de que nos investiu.

Vai longe o tempo em que o ideal da escola era mais ou menos limitado à comunicação de umas poucas noções, o sufficiente para o individuo assinar o nome, o essencial para manipular as quatro operações. Então a escola era uma coisa a parte, destacada pelos alunos, por não encontrarem nela nenhum motivo superior que lhes despertasse a atenção, que lhes estimulasse o interesse que lhes alimentasse o entusiasmo e a alegria.

O mestre, agindo de acôrdo com a mentalidade predominante, raramente descia de sua torre de marfim para estudar com as crianças, compreender-lhes as inclinações, guiá-las e dirigí-las amigavel e paternalmente como convém a uma escola bem organizada.

Os prejuizos de uma tal escola são manifestos, e não é necessario analisá-los, aqui, um a um.

O nosso ideal, que vamos felizmente atingindo em todos os recantos de Minas-Gerais, é iluminar a escola com um espirito novo, espirito de fé e de entusiasmo, espirito que empolga as crianças, induzindo-as a amar e a bemquerer a escola, porque ela corresponde ás suas necessidades, porque, emfim, ela é vida que abrange todas as suas atividades.

#### UM CONCEITO DE OMER BUYSÉ

O sr. Omer Buysé, em seu livro "Metodos americanos de educação" diz: "Na escola americana tem-se a impressão de que é o aluno que guia o professor".

A atitude de franqueza e, portanto, de bem estar; a liberdade de iniciativa e, em consequencia, de atividade e de vida, transformam lá os alunos em individuos cheios de personalidade, assumin-



do, na classe, o seu verdadeiro lugar.

Este sistema contrapõe-se ao querido mais humildemente, e mais silêncio. Na classe, ou fóra dela, o antigo mestre, com raras exceções, era temido pelos alunos.

Formular uma pergunta, solicitar uma informação, esclarecer uma dúvida era tudo isso pecar contra a disciplina e, em certas escolas, constituía falta de respeito aos professores.

Agora, o espírito é outro. Não temos, ainda, é bem verdade, suficiente tolerância para com os alunos. O personalismo, infelizmente, ainda predomina no sentido máu, isto é, de absorção e de centralização.

Ainda há professores que entendem mal a escola e seus alunos.

E' contra os últimos vestígios da velha escola que estamos lutando.

A vossa "Semana da Educação" não significa outra coisa, a não ser um vibrante apêlo para a melhoria da escola, para suas exaltações e para a sua grandeza.

#### A NOSSA MISSÃO

Para que, entretanto, alcancemos renovar a escola, urge transformação imediata em seus objetivos e seus fins.

Disse um grande sábio: "Nenhum homem é obrigado a ser rico, grande ou sábio: mas todos são obrigados a ser honrados".

A escola, além das noções de língua pátria, geografia, historia ou, melhor, através delas, deve ir organizando a personalidade da criança. A Patria contará, no futuro, para a sua estabilidade e para a sua grandeza, não propriamente com os que, apenas, sabem ler: o seu futuro dependerá do prestígio de seus homens de caráter, de seus homens retos, verdadeiros e honestos.

Ora, uma escola assim, de fins tão superiores e elevados, tem de

ser dirigida por professores dignos de sua alta missão e, então, ao trabalho de renovação de métodos, devemos acrescentar a nossa transformação radical, nos sentimentos superiores, nas virtudes e nas qualidades que constituem a razão de viver.

A força do exemplo é abrangente e empolgante. Nós, os professores, somos o exemplo vivo das crianças e, por isso, é necessário que sejamos modelos de virtudes comuns, de equilíbrio e de honestidade, afim de que não escandalizemos essas almas em flôr.

#### QUE DEUS NOS AJUDE

Ao assumir a Presidencia dos Estados Unidos, num momento doloroso da vida nacional, o sr. Roosevelt exclamou: "Que Deus me ajude!". Na tarefa que nos incumbe realizar, teida de dificuldades e de espinhos, é necessario volver sempre os olhos para Deus, pedindo-lhe a paciencia, a bondade, a brandura, a simplicidade. E' preciso invocar sempre o nome de Deus para que possamos agir dignamente e colher os melhores frutos de nossos esforços.

E, com estas diretrizes, faremos da escola um ambiente amavel, ambiente proprio de crianças, de sua innocencia e de sua bondade.

E, depois de todos os esforços, trabalhos e lutas, descançaremos, enfim, no ocaso da vida, vivendo eternamente através de nossos alunos, porque "viver no coração daqueles que deixaremos após nós não é morrer".

#### LIVROS QUE SE ESPERAM

Prefaciado pela conhecida cientista Mme. Helena Antipoff, assistente do Professor Ed. Claparède, acha-se pronta para o prelo a tradução portugueza da "Psicologia da criança e pedagogia experimental, da autoria daquelle illustre psicologo".

E' desnecessario encarecer a importancia desta obra, para o

professorado, pois todo aquele que estuda e se dedica ao magisterio e tem a nobre ambição de alargar seus conhecimentos relativos á natureza da criança, sabe que semelhante trabalho não poderá ser dispensado em sua biblioteca minima.

De sua reputação mundial falam as traduções que, em 11 linguas, servem aos estudiosos da infancia e da ciencia da educação.

A presente tradução em portuguez, feita pelos sr.s Aires da Matta Machado Filho e Turiano Pereira, que nela se esmeraram no interesse de fornecer ao nosso professorado uma tradução digna do valor original, teve da sua distinta prefaciadora palavras de apreciação que muito a recomendam.

No interesse ainda de facilitar

ao professorado a aquisição da obra, os tradutores, atendendo á actual situação economica que tornou o original de difficil acesso, não só pela exorbitancia do preço, 75\$000 a 80\$000, como pelas difficuldades de compra (sómente em algumas livrarias do Rio é encontrada a obra) estabeleceram um plano de venda comodo e suave, que permittirá a aquisição do compendio pelo menor preço possível: 50\$000, em prestações minimas de 5\$000.

Deste modo, se afastam simultaneamente as difficuldades de ordem economica e de lingua, si as houver, podendo o professor contar, entre os livros de valor de sua biblioteca, ainda este, que o tornará mais apto para desempenhar conscienciosa e eficazmente sua missão.